

Artemisia Gentileschi – uma nota biográfica

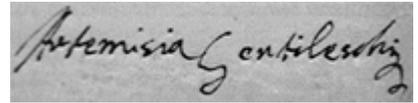
Foi na Galeria Uffizi, em Florença, que me deparei com a pintura de Artemisia Gentileschi. Estava tentando encontrar a Medusa - de Michelangelo Merisi da Caravaggio - que estava, para minha decepção, em restauro. No caminho, chamou-me a atenção a belíssima pintura da cena bíblica da heroína Judith decapitando o General Holofernes. A imagem possui um realismo chocante, forte, real, impressionante. Perguntei à professora que me ensinava arte renascentista e barroca se, de fato, tratava-se de uma mulher pintora, já que não havia ouvido, até então, nenhuma menção a qualquer protagonismo do gênero feminino na arte do Renascimento ou do Barroco. Este acidente me fez procurar outras obras de Artemisia, e mergulhar em sua biografia. Há muitos textos em inglês, e o filme *Artemisia* de 1997, que é francês e apresenta uma versão bem diversa dos fatos aqui narrados. Este artigo se baseia no livro de Alexandra Lepierre; *Artemisia The Story of a Battle for Greatness* - ainda não versado para o nosso idioma - e todas as citações são resultado de minha livre tradução.

A pintora foi a primeira filha de um artista bem-sucedido que cedo ficou viúvo. Ela tinha mais três irmãos que não alcançaram maior relevo no contexto da produção artística, diferente dela que, além de um traço muito parecido com o do pai, fez-se uma das mais competentes discípulas de Caravaggio com seu inconfundível jogo de luz e sombras - chiaroscuro. Orazio Gentileschi era uma pessoa bastante reconhecida no meio artístico de Roma, conseguiu a privilegiada proteção do Monsignor Pietro Aldobrandini, um Cardeal extremamente influente na alta cúpula do clero e patrocinador das artes. A relação de pai e filha era bastante próxima e passional. Orazio era um homem possessivo, ciumento e apaixonado pela jovem Artemisia que demonstrava enorme capacidade em desenhar e

trabalhar cores, luzes e reflexos. Ele nasceu em Pisa, mudou-se para a Cidade Eterna, onde participou de vários dos grandes projetos na condição de miniaturista, gravador e entalhador. Foi Cosimo Quorli - o chefe dos camareiros do Papa e da Câmara apostólica, descendente de uma tradicional família de Florença como o próprio Papa Clemente VII da família Médici, quem deu significativo impulso a sua carreira conseguindo que ele fosse comissionado para decorar a galeria do coral da Igreja de San Nicola in Cárcere. Esta igreja pertencia à diocese de Aldobrandini, sobrinho de Sua Santidade. Cosimo e Orazio eram amigos de longa data, dividiam os mesmos preconceitos, temores e desconfianças quanto ao gênero feminino. Artemisia nutria um ódio por ele desde a infância. A paixão de Orazio por Artemisia cresceu obsessivamente após a morte da esposa Prudentia Montone, que foi por ele venerada durante todo o convívio. O pai se dedicou a fazer a filha ver a pintura, desenvolver os sentidos e conhecer a imagética da representação pictórica. A pulsão estética deu sentido à sua vida, mas o verdadeiro impacto aconteceu com o contato direto com a produção artística de Caravaggio.

Uma família iniciada tardiamente para os padrões da época e subitamente interrompida, todos os quatro filhos viviam em seu estúdio, ajudando na produção artística, mas apenas Artemisia apresentava o talento necessário para fazer face às ambições do pai, e por conta disso, Orazio dispendia grande parte do tempo tentando transmitir tudo o que sabia à jovem artista. Gentileschi interpretou a morte da esposa não como uma perda, mas como uma traição, a deserção dos mortos aos que se teimam viventes. Ela o abandonara quando sua filha mais velha tinha treze anos, a exata mesma idade que ele possuía quando sua mãe faleceu. A associação psíquica que Orazio fez germinar, relacionando o gênero feminino ao abandono talvez explique algumas das atitudes que veremos ao longo desta história. Aliás, esta narrativa mostrará, à exaustão, toda uma

gramática social que estabelece papéis, lugares, expectativas, procedimentos atitudinais e valores do que a tradição espera do feminino. Prudentia, em seu leito de morte, suplicava reiteradamente ao marido que se concentrasse em arranjar o casamento da filha, expondo os medos de que pudesse acontecer “o pior”. Artemísia, quando chega do funeral da mãe, começa, imediatamente, a assumir a personagem de dona de casa, figura materna diante dos irmãos pequenos - o menor tinha menos de dois anos de idade - responsável pelo bem-estar do pintor e, em diversos casos, modelo estético. Depois da mãe, ela foi a única companhia feminina em toda a vida de Orazio e, na ocasião, a única jovem mulher em todo o distrito dos pintores de Roma. Ao longo do tempo, as desavenças entre os dois passaram a ganhar intensidade e freqüência, tanto no que se referiam a diferentes pontos de vista relacionados à arte, como em função dos ciclos de alcoolismo, fúria e depressão a que Orazio se via submetido desde a viuvez. Quando Artemisia tinha recém completado dezessete anos, o mundo artístico da época recebeu, chocado, a notícia da morte de Caravaggio, em circunstâncias obscuras, em uma praia do norte da Itália. Naquele momento, a jovem artista começara a perceber a obsessão protetora do pai que não deixava nenhum homem se aproximar dela. Não raras eram as discussões em que afirmava ao pai que estava ficando velha para se casar e que não aceitaria ser enviada, por nenhuma opção marital, para a clausura de um convento. No calor dos embates, a talentosa jovem desafiava o pai no campo da arte, alegando que suas cópias ficavam melhores que os originais, que ela tinha pleno domínio na confecção e trabalho com pigmentos que Orazio mantinha em segredo e ainda exigia co-assinar os trabalhos já que, sem a sua ajuda, eles jamais atingiriam o nível de reconhecimento que estavam conquistando. De fato, aos dezessete anos, ela apresentou sua primeira obra de primorosa qualidade: Susana e os Anciões.



Agostino Tassi era um pintor bem famoso no meio artístico de seu tempo. Detentor da inovadora técnica de *trompe l'oeil*, capaz de pregar peças nos olhos do expectador da obra, pelos seus efeitos visuais da perspectiva que ultrapassava em muito as fronteiras bidimensionais da tela, era figura controvertida de origem na Toscana, mas que vivia uma vida entre o meretrício e a prisão de Roma por diferentes razões. Cosimo Quorli conhecia ambos e, para ele, a amizade dos dois parecia surpreendente em razão de terem temperamentos tão heterogêneos. Tassi era um homem articulado, vaidoso, com uma técnica bastante desafiadora para a arte de então. Orazio era uma pessoa introvertida, tradicional, tentando atingir um nível superior de comissionamento e, por isso mesmo, dependente de uma associação com alguém melhor sucedido do que ele. Agostino parecia ser, junto com Cosimo, a esteira para um novo *status* em suas encomendas e trabalho, o passaporte para um novo patamar profissional. Admiravam o trabalho um do outro e distinguiam a amizade como um privilégio profissional com grande prazer pessoal. Passaram a formar um trio inseparável, dividindo segredos, refeições, tempo de ócio e de vida. Tassi chegou a emprestar trinta scudi a Orazio, sem prazo, nem juros. A relação entre os dois pareceu atingir um nível de cortesia, mútuos elogios e troca de mesuras, que subitamente fez Artemisia ver o pai demonstrar uma serenidade frequentemente entrecortada por risos e gargalhadas, como que a própria vida parecesse abrir um novo capítulo na historicidade coletiva. Uma etapa renovadora na dimensão profissional e afetiva. No que se refere à reputação de A. T., há dissenso entre os textos biográficos que encontrei. Para alguns, Orazio já sabia de boa parte das histórias que atribuíam uma péssima fama ao novo amigo, com acusações de incesto contra sua irmã, estupros e muitos rumores à respeito da morte de sua mulher. Para outros, as informações foram surgindo ao longo do tempo e, com algum esforço investigatório, já em busca de

anteriores, em meio ao confronto judicial. Cosimo, quando estava a sós com Tassi, obtinha diálogos sobre a vida de Orazio e insinuava, sem esconder uma dose de rancor contra o gênero feminino, que este fazia sexo com a filha e que ela posava nua para seus quadros:

Então ele tem uma filha?

Sim, uma vadia.

E não são todas...?

Com certeza. Mas ela... você verá. Eu vou fazer você conhecê-la. Os seios... A boca... A traseira. Ela é gostosa o suficiente para danar todos os santos do paraíso. Mesmo nosso Senhor Jesus, peço perdão à Nossa Senhora por isso, mas mesmo o Senhor não poderia resistir a ela! Falo sério. Scalpellino, um aprendiz de Orazio me jurou que ela já a teve de todas as maneiras. Mesmo em Pasquino, você sabe, o capitão da baía em Ripetta teve dela tudo o que quis.

E Orazio sabia disso?

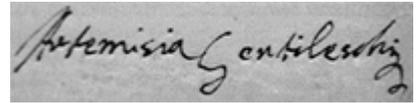
Que sua filha chupa todos os paus na vizinhança? Cosimo sorri. Ele não tem estado com mulher nenhuma desde que Prudentia morreu, que Deus conserve a sua alma, e sua filha o tem obcecado. Eu ouvi que ele estava sonhando com ela quando ele dormiu na minha casa. Eles dizem que ela a despe para suas pinturas. Ele a mostra nua, como Susanna ou Maria Madalena antes de sua conversão.

Você viu as pinturas?

Bom Deus, ele as esconde, da mesma forma que o faz com a sua filha.

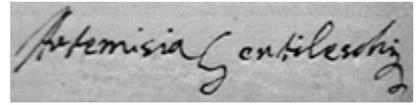
A conversa demonstra características importantes do imaginário coletivo que irão permear a escrita, designam um contexto de época, mas fazem ver a atualidade que resiste aos dias de hoje em muito mais lugares que nos permitimos dimensionar. A moral religiosa com suas justificativas, na qual o sexo ocupa lugar privilegiado entre os pecados e a mulher no vórtice destes. Vemos no diálogo o feminino estimular o desejo e, ao mesmo tempo, o ressentimento e, com isso, a maratona de depreciação, apondo uma pecha de vulgaridade e banalização da atividade sexual na criação de um fetiche. A relação incestuosa “delatada” com as ilações de Cosimo se faziam auxiliar às imaginações de Tassi. A questão do julgamento moral tem grande impacto neste caso com seus imaginários coletivos, as determinações da contra-reforma eivadas de valores a serem vigiados e suas desconformidades severamente punidas. A história vai evidenciar a ideia de que a mulher que tem vida sexual ativa e diversificada (não era o caso da jovem pintora) é menos carecedora de respeito e detentora de garantias quanto a sua liberdade sexual, ou mesmo de dispor sobre o próprio corpo. Quanto a Artemísia, ela estava buscando seus próprios caminhos, e conhecera um jovem de vinte anos pela qual começou a nutrir afetividades à distância. Seu nome era Girolamo Modenese, pertencia à casa do Cardeal Bandino e se conheceram no carnaval de 1611. Ele em tudo diferia de Orazio e seus amigos, no que diz respeito à docilidade, timidez e ausência de soberba. Este conjunto de características talvez tenham tocado o coração de Artemísia que, apesar de o conhecer muito pouco, já sonhava com um improvável desfecho afetivo para sua vida sentimental.

A notícia de que Agostino Tassi fora preso caiu como uma bomba em todo o distrito e, especialmente, na família Gentileschi. A situação dizia respeito a dois movimentos simultâneos. Artemísai, com o tempo, parecia ter conquistado o apoio de Tuzia, a vizinha casada e com dois



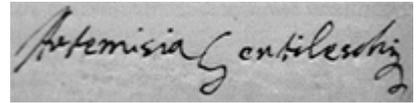
filhos, que se fazia aliada no complicado jogo de namoro e desposamento do rapaz. Assim, a jovem de dezessete anos contava com Tuzia para ler e interpretar as cartas de Girolamo e, com muita habilidade, marcou um encontro entre os dois na casa da jovem com o evidente desconhecimento de Orazio, que estava jantando na casa de Cosimo Quorli. Segundo o depoimento de Tassi, no interrogatório que aconteceu duas semanas após sua prisão, ele apenas acompanhou Orazio até a casa dele. Eis que o mesmo deu-se conta no caminho de volta, que alguém havia entrado em sua casa. Com o objetivo de apoiar o Senhor Gentileschi - no sentido de que nenhuma pessoa de bem se machucasse - ambos ingressaram na casa, e Orazio, por conta disso, iniciou uma luta corporal com Girolamo, o que fez com que a filha se tornasse sua inimiga, e seu pai, ao contrário, extremamente grato pela honrosa e destemida atitude. No depoimento de Tuzia, ficou aclarado que ela e seu marido dispunham da confiança do pai Gentileschi para tomar conta de sua filha e era missão confiada a ela convencer e orientar Artemisia a seguir a carreira de freira. Por conta desta história, Orazio largou todas as suas atividades familiares e profissionais e, tendo tido enfim ciência das acusações contra Tassi, o que não acontecia no ato da prisão, não mediu esforços para conseguir depoimentos, apoio político e todo o tipo de costura de influências para um julgamento favorável ao colega. Segundo Agostino, após este primeiro conflito, houve outro, seis meses depois, em que o jovem, seguido de alguns amigos, o atacaram bem defronte aos vinhedos do Cardeal Nazaret e, por pouco, não conseguiram machucar o pintor de maneira fatal, já que portavam armas. A paz somente foi celebrada com a interferência do próprio Cardeal Bandino, por ordem dele e em sua própria residência.

Mas de tudo isso que envolve fatos e versões, considerando que não houve nenhum tipo de investigação mais apurada, ou mesmo a acareação entre os diversos envolvidos na querela, o que realmente



pesou no livramento do pintor foi o fato de que ele, como seu amigo Orazio, estavam comissionados pelo Papa para a pintura do Consistorium do Palácio Quirinal, onde em breve haveria um encontro de cardeais com a presença de Sua Santidade, e tudo deveria estar pronto na data que fora aprazada.

O juiz, ao saber da perspectiva de responsabilização pelos atrasos no cronograma dos afrescos, tratou de liberar Tassi, que, de imediato, deu início às fraternas comemorações com Orazio e Cosimo. A situação de Artemísia acabou por ficar muito ruim. Perdera o amor de Girolamo, que, envolvido no escândalo e ameaçado por seu tutor, desistiu do amor por ela. Orazio se sentiu traído e ameaçava de fazê-la terminar seus dias em um convento. Ela argumentou, insistentemente, dizendo que as intenções do jovem eram de se casar, e que ele inclusive já havia pedido autorização a seu mestre, que iria solicitar o beneplácito do cardeal, para, aí sim, haver a formal propositura. Para o pai, a atitude não passava de desonra, traição e vergonha para si e todos os irmãos. A relação entre os dois tornou-se acérrima, eivada de desconfianças, com longos momentos de frieza entrecortados pelo temperamento explosivo de ambos em ressentimentos e rancores. Por outro lado, Tassi aproximou-se ainda mais de Orazio e passou a visitar a casa dos Gentileschi a qualquer hora do dia, não dependendo de apontamento ou mesmo de garantias da presença do amigo na casa. Ao que tudo indica os desejos de Tassi por Artemísia ganharam força com o episódio, e agora Tuzia estava a serviço destes interesses, tentando convencer a pintora de que o amigo do pai era um homem de ótimos princípios, boas maneiras, rico, bonito, perfeito para o matrimônio. E o mais importante, contava com a anuência do pai, coisa que Girolamo nem de longe poderia obter. A frase de Tuzia no livro esquadrinha bem a situação da jovem:

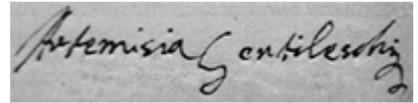


Pequenina, se você deseja que seu pai lhe case algum dia, é melhor você apresentar a ele um homem que o agrade.

Com as devotas provas de compromisso de Tassi para com a honra dos Gentileschi, Agostino passou a frequentar, dia após dia, a casa da família com interesses em ver a jovem pintora, fazer insinuações e, muitas vezes, com a ajuda de Cosimo, que prestava atenção no movimento dos demais membros da família, em especial Francesco, irmão um ano mais jovem que a pintora. No dia 4 de maio de 1611, na ausência de Orazio, Artemísia ouviu a aproximação de pessoas. Ela estava na cama, pulou para colocar um vestido e correu para o apartamento de Tuzia, que franqueou a entrada dos homens. Ela não fazia a menor ideia de que seu próprio pai havia informado a ambos seus planos de sair de casa naquele dia para ir a San Giovanni.

Este foi o depoimento dela à corte:

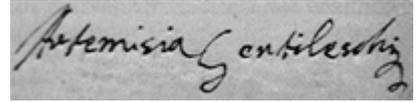
Quando ouvi pessoas subindo as escadas me vesti correndo e fui para o apartamento de Tuzia. Eu vi que os visitantes eram Cosimo e Agostino e perguntei a ele como tinha o desprazo de trazer pessoas como aquele homem em sua casa, se referindo a Cosimo. Agostino me mandou ficar calma, o que fiz, quando Cosimo veio pelo outro lado argumentando com veemência que eu fizesse Agostino se sentir bem-vindo. Quando mostrei a Cosimo o nojo que tinha por ele, pela maneira como me tratava, ele disse: Você deu para tantos, poderia dar para ele também. Então respondi a Cosimo com ódio que não tinha nenhum respeito por porcos como ele. Pedi a ele que me livrasse de



sua presença e dei as costas, finalmente ambos saíram. Fiquei aborrecida por vários dias e meu pai reclamou de meu mau humor e a ele omiti a razão de meu desgosto. Foi quando Tuzia aproveitou-se da situação e sugeriu a meu pai que me mandasse sair de casa um pouco, já que vivia dentro de casa e isso poderia não estar me fazendo bem. Nesta mesma noite, Agostino mandou uma mensagem, por um dos filhos de Tuzia, de que queria me falar. A mensagem vinha acompanhada de um corte de tecido com tamanho suficiente para fazer uma roupa para uma das crianças. Quando li a mensagem, respondi à vizinha que não cabia a uma mulher não casada encontrar com um homem à noite.

Na manhã seguinte, meu pai disse a Tuzia que, desde que ela teve a idéia de me levar para sair, que fôssemos à San Giovanni, uma vez que ele pensava nela como uma mulher respeitável e confiável para me acompanhar com segurança. Enquanto estávamos a nos arrumar durante aquela mesma manhã, Cosimo e Agostino apareceram, provavelmente tendo sido avisados na noite anterior por Tuzia dos planos de sair, e eles falaram com ela arranjando de nos levarem aos vinhedos. Eu fiquei furiosa quando ouvi isso e disse que não queria nenhum tipo de visita aos vinhedos e que eles sumissem da minha vista.

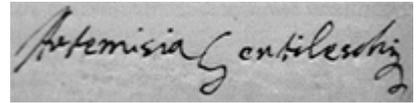
O depoimento de Tassi sobre o mesmo episódio:



Enquanto eu estava em Monte Cavallo em uma manhã bem cedo, Gentileschi chegou e me disse que Tuzia e a filha dele tinham ido para San Giovanni e elas pareciam muito entusiasmadas para o passeio o que o fez suspeitar de alguma coisa, o que o levaria a ir atrás para ver o que estavam planejando, no entanto como ele tinha tinta fresca de afrescos na parede e eu havia terminado meu trabalho na noite anterior, me pediu o grande favor de eu mesmo ir como uma cortesia especial para ele.

Não parece absurdo imaginar que Orazio confiasse a Tassi a tarefa de manter um olhar seguro sobre sua filha, uma vez que ele sabia da aversão da menina pelo colega e este havia dado provas cabais de fidelidade e compromisso com a honra e os valores da tradição. O que não está claro nos registros e notas biográficas é se o pai sabia das intenções e taras de seus colegas pela filha, e simplesmente relaxou quanto a isso como forma de punição pelo ciúme que sentia, ou tratava-se de uma estratégia para fazer a jovem desistir do relacionamento com seu escolhido em benefício do amigo que parecia ser um melhor partido.

É provável que a pintora, na basílica de San Giovanni de Laterano, tenha conversado com Deus sobre suas angústias e rogado pela liberdade que um casamento lhe poderia, enfim, proporcionar. A amiga Tuzia havia se transformado em severa propagandista de Agostino, e, por natural, detratora contumaz de Girolamo. Tassi começou a aumentar a carga de assédio, tendo sido, em diversas vezes, veementemente rechaçado. No caminho de volta, ela viu seu irmão Francesco conversando animadamente com os amigos do pai. A oratória era um dom que o pintor se orgulhava de ter. No caminho de



volta, ela acelerou o passo, mas, ainda assim, teve de proferir violentas palavras diante das confissões de desejo, amor e paixão que Agostino proferia sempre que conseguia alguns minutos a sós com ela. Frequentemente, as palavras eram de ameaça, quanto à possibilidade de ela vir a se arrepender de tratá-lo de maneira virulenta ou mesmo de vir a decepcionar os desígnios de seu pai. No dia 9 de maio de 1611 à tarde, Artemísia estava pintando um retrato de um dos filhos de Tuzia por entretenimento. Agostino apareceu na casa e, como encontrou as portas abertas, adentrou sem ser anunciado. Segundo o depoimento de Artemísia, no julgamento de Marco de 1612, ele tirou a palheta e pincéis das mãos da pintora, e mandou Tuzia se retirar do ambiente. Ela pediu que a amiga não a deixasse sozinha, ao que ouviu como resposta: que não queria ficar e argumentar, que queria ficar fora disso. Artemísia foi violentada, não conseguia gritar por socorro, eis que sua boca estava amordaçada. A ação foi tão destrutiva que, segundo ela mesma, no ato, houve a remoção de um pedaço de carne. Quando ele a largou, imediatamente, a jovem pegou uma faca e partiu para atacá-lo proferindo as seguintes palavras: Eu quero matá-lo com esta faca por que você me desonrou! Ele abriu a túnica e disse: aqui estou! Ela então atirou a faca contra seu peito e conseguiu um pequeno corte, fazendo-o sangrar algumas gotas. Agostino se aproximou e vaticinou: me dê sua mão e eu prometo casar com você assim que sair da confusão em que me encontro. Um verdadeiro labirinto onde não vejo saída, mas hei de encontrá-la. Com esta promessa, seguiu-se o depoimento: Ela se fez mais calma e, com estas palavras de compromisso a possuiu diversas outras vezes. Segundo as palavras da petição de Orazio: *stuprata più e più volte*. Fato curioso, na análise dos depoimentos, é que não se fala em violência. O estupro é, em tempos atuais, ato de violência real ou presumida e atentatório contra a liberdade sexual. Constranger alguém a ter conjunção carnal, ou outro ato libidinoso, mediante violência ou

grave ameaça, é o tipo penal da legislação brasileira. Ainda que exista todo um processo psicológico envolvido na matéria, restam alguns movimentos da gramática social que tentam trazer alguma parcela de culpa, em que pese a hipótese da inefável humilhação em relatar o caso com seus detalhes sórdidos e dolorosos, não rara vez a um homem, ou mesmo as sensações diversas relacionadas ao misto de ódio, vergonha ou um infundado arrependimento, nada se compara à discussão que toma forma neste processo judicial, através dos depoimentos, em que a questão é de natureza objetiva, de jogo, com tática, estratégia e artimanhas. Não há no processo a menor menção de um atentado contra a integridade física de alguém, uma ação planejada, a utilização da força física para a obtenção de uma satisfação libidinosa sociopata. Veremos, inclusive, que a vítima, sequer era Artemísia. O crime era considerado contra a honra e atentatório contra a família Gentileschi. Estes sim os autores da ação contra o réu Tassi. Eles, e não ela, eram os sujeitos ativos da relação processual, detentores do bem jurídico violando e merecedores da atenção do Estado, único detentor na faculdade de prover proteção jurisdicional, institucionalizada, e que deve proporcionar a solução não violenta dos conflitos. Os crimes contra a honra, hoje assim arrolados como calúnia, injúria e difamação, possuem características absolutamente diferentes. Veremos que o que no texto estará em jogo são as questões relacionadas às prescrições do Concílio de Trento, da Contra-Reforma levada a cabo pelo Papa Paulo V, que estabelecia como crime passível de julgamento, não o estupro, mas tão-somente a defloração. E, neste caso, a pena era severa: cinco a vinte anos nas galés. Não fosse o fato de a pintora ser virgem, o caso sequer ganharia os tribunais. O ordenamento jurídico da época, - veja-se a maneira como tais assuntos eram tratados - mostra, de maneira estarrecedora, que tipo de papel era relegado ao gênero feminino. Artemísia despencou para o seguinte dilema: ou vencia seu asco,

superava a violência sofrida e conseguia casar com seu violador, ou destruiria a imagem social de toda a sua família que perderia tudo, propriedade, trabalho, possibilidade de contrair matrimônios isso com extensão da pena a todos os irmãos, enfim, um verdadeiro banimento social. Ela por certo acabaria seus dias em uma cela de convento. Os magistrados não paravam de se perguntar como uma pessoa pode ser violentada por vários meses, e não ter tido uma única oportunidade de lutar contra seu calvário. Com que propósito estaria a omitir isso de seu pai se não fosse por cumplicidade? Agostino ofereceu seus préstimos a Orazio, no sentido de ensinar técnicas de pintura a Artemísia com ênfase em perspectiva, a especialidade de Tassi. Ela tentou relutar, mas acabou por aceitar tudo, tendo de aceitar tudo, se submeter à violência por nove meses, na esperança de um desfecho que não fosse a desgraça absoluta. Terrificada, ela percebeu que sua única chance estava, paradoxalmente, em agradar ao seu algoz. Creio que não devemos descartar a hipótese de ela ter se acometido da síndrome de Estocolmo.

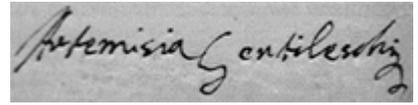
Nas palavras da autora:

Agostino sozinho tinha o poder de "fazer o bem". Ela caiu completamente dependente de sua boa vontade, sua confiança, e mesmo talvez de seu amor. Ela não devia declarar sua submissão a ele? Dar a ele o papel de mestre? Não era ele o único homem de quem ela podia esperar por qualquer coisa? Tuzia tinha contado a ela que a igreja havia autorizado algumas liberdades como beijos e carícias, desde que os prazeres do amor fossem rapidamente legitimados pelo casamento, que as promessas trocadas pelos amantes em particular fossem sérias como a dos sacramentos realizados na igreja.

E mais adiante

Durante toda a primavera, Artemisia resistiu e continuou a lutar pelo resgate de sua honra. Mas qual honra poderia haver agora? Uma sensação de um próprio pecado a compeliu a manter segredo. Vergonha fez ela pegar uma parcela na culpa de Agostino pelo estupro, amarrando-a ainda mais a ele a cada dia que passava. A redenção apresentada pelo matrimônio significava que ela ficaria atada à ele para sempre.

Para Artemisia, confessar a situação ao pai parecia sem propósito e capaz de piorar as coisas. Ela pensava: o que meu pai poderia fazer para me ajudar neste caso? E decidia reiteradas vezes tentar resolver a situação com seus próprios esforços. Cosimo sempre que podia dissuadia o amigo a desenvolver qualquer movimento, no sentido de consumir suas promessas. Esta mulher trazia má sorte, argumentava o camareiro chefe. Típica rotulação ao gênero feminino... Mas foi com o ingresso de um novo personagem que a trama emergiu ao conhecimento de Orazio e a toda a sociedade romana. Giovan Battista Stiatessi era procurador e notário, conhecedor de leis, e já era amigo de Tassi e Cosimo. No carnaval daquele ano, ele percebeu que Agostino, sua cunhada e o casal Quorli desenvolviam jogos que permitiam a Tassi ficar a sós com Artemisia e, em diversos casos, alguém era designado a distrair Orazio, para que não percebesse o que estava acontecendo. Ninguém sabe ao certo o quanto o Senhor



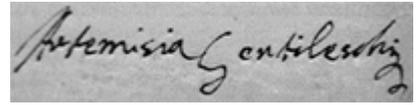
Getileschi não via ou o quanto preferia fechar os olhos para uma situação que, de alguma forma, parecia coincidir com suas expectativas. Agostino permanecia em evasivas com a jovem pintora, sempre renovando suas promessas e votos, alegava problemas complexos, que ela não entenderia, mas que já começava a ver o fim do labirinto em que se encontrava. Ninguém sabe exatamente a razão das desavenças entre Giovan e Cosimo, mas à medida que o notário ia ganhando mais e mais informação, acerca do novelo que envolvia a família Gentileschi, resolveu contar ao pai da menina. Foi, então, que a questão ganhou os olhares da justiça canônica:

Muito abençoado pai, Orazio Gentileschi, pintor, mais humilde servo de Sua Santidade, respeitosamente roga por lhe dizer como, pelos ofícios e persuasões de sua inquilina Donna Tuzia, a filha do suplicante foi forçosamente deflorada e conhecida carnalmente muitas vezes por Agostino Tassi, pintor, amigo íntimo e sócio do suplicante, e que teve também a participação de seu camareiro Cosimo Quorli nestes negócios obscenos; e que além da defloração, este mesmo camareiro Cosimo desenvolveu um esquema para tomar das mãos desta mesma filha algumas pinturas que pertenciam a seu pai, especialmente uma Judith de tamanho considerável. E por que, senhor pai abençoado, isto é uma situação tão grave e que causa um tamanho dano e injúria ao suplicante, particularmente desde que há o abuso da confiança de uma amizade isso se equipara a um assassinato...

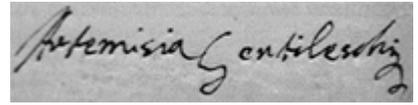
A petição consegue tratar de várias coisas ao mesmo tempo, como a

traição da amizade confiada, o roubo da obra de arte pintada por Artemísia, mas pertencente a seu pai, a influência de Tuzia e o dano de injúria a ELE suplicante. Não se fala em violência, subjugação, dor, mutilação, utilização do pênis como arma, e toda a destruição psíquica imposta a uma jovem de dezessete anos. O tema reside em outro lugar distante e alicerçado em conceitos valorativos, religiosos e, por que não dizer, pragmáticos. Ela não pertencia a si mesma, a menina era uma simples depositária das fichas de honradez de uma família, e as mesmas lhe foram roubadas. Quando Orazio teve a notícia do que acontecia com sua filha, ficou a dúvida se ele estava chocado com o que acontecera com a jovem ou se estava desapontado pela confiança da amizade traída. Ele mergulha em um silêncio profundo, depressão e angústia, que o impedem de dizer mais uma única palavra. Conversar com Artemísia parecia fora de questão. Apesar disso, aos poucos, pai e filha foram se unindo em busca de vingança, justiça e reparação. Sentimentos fortes a reamalgamar os sentimentos de outrora. Um dia, ela finalmente tomou conhecimento sobre o tipo de imbróglio em que estava metido Agostino. Ele jamais casaria com ela por que era casado e não viúvo! Sua esposa havia fugido para Florença para escapar das tentativas de homicídio perpetradas por Tassi, mas a cunhada estava disposta a trazer a questão da bigamia à tona, se o hipotético casamento se mostrasse viável. O objetivo maior da busca pela proteção jurisdicional, que seria a de obrigar o matrimônio como forma de Agostino evitar uma pena de cinco anos nas galés, caiu por terra. Ela desabou em desespero, guardou a faca que havia usado para feri-lo, buscando forças para cometer suicídio e se ver livre daquele infinito pesadelo. Mergulhada em depressão, passou dias sem se mover, comer, beber ou dormir, prostrada em estado de colapso, absorta em medo e vergonha. Satiatessi quanto mais ingressava no processo de acusação sabia que estava trazendo para si um potencial inimigo capaz de intrincadas articulações que poderiam, se inocentado, perseguir e

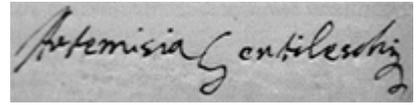
destruir sua carreira e mesmo sua vida. Agostino permanecia preso, e a privação da liberdade para o direito da época nada tinha a ver com um caráter de pena. A segregação era parte do processo, cotidiana, apenas para garantir a presença de acusados, e mesmo extensiva a testemunhas à disposição do Judiciário. A prisão era dividida em duas áreas, a *segrete*, onde o prisioneiro ficava em cela solitária e sem contato com ninguém, até que lhe fosse informado quais acusações responderia; e a *larga*, que permitia o convívio e banhos de sol. As sentenças eram divididas em lapsos de tempos nas galés, banimento temporal, exílio ou morte. Em 18 de março, Artemísia foi submetida a uma inspeção de genitália por duas horas, levadas a cabo por duas parteiras designadas pela corte para avaliar o tempo em que havia ocorrido a defloração. Evidentemente, as “peritas” afirmaram que a ruptura do hímem acontecera muito tempo antes. À medida em que o processo avançava, Artemísia ia constatando que não havia mais a hipótese sonhada de as coisas se resolverem por simples magia, pelo acordo das partes, o casamento que simplesmente solveria todos os problemas e devolveria, de certa forma, a vida de antes a todos os envolvidos. Cosimo foi o primeiro a ver sua vida cair em desgraça. Com as acusações de Orazio, ele foi removido do posto e teve proibida sequer sua presença nas câmaras papais. Seu *status*, o acesso à intimidade do poder que tanto tinha lhe rendido privilégios, agora era mera lembrança amarga. A perda pode estar associada a sua misteriosa doença e morte, que aconteceu logo depois. Agostino ainda tentou levar vantagem da situação, propondo à Artemísia que o livrasse das acusações lançando-as sobre o morto, em troca de nova saraivada de promessas. Mas o curso dos fatos iria levar a mais uma peculiaridade do sistema penal: A metodologia investigativa. Através da tortura se apurava a verdade. Se acusador, réu ou testemunha conseguiam manter sua palavra após a tortura, era por que aquilo havia de ser verdade. A dor realizava a conexão entre o mundo e a



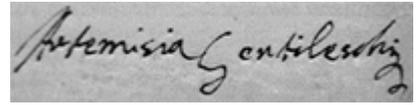
alma submetida à sessão e, através desta prática, se efetuava a extração da verdade, a clarificação dos fatos como eles realmente haviam ocorrido, não importando o quanto absurdos, contraditórios ou ilógicos eles pudessem se apresentar. A confissão era material probatório muito mais relevante do que a prisão em flagrante e a denegação ante tortura, o passaporte para a liberdade. Agostino Tassi se gabava de sua inflexibilidade diante da dor e comumente brincava dizendo que estava para nascer o torturador capaz de fazê-lo confessar. Dia 14 de maio, Artemisia teve de confirmar seu depoimento sob tortura. Difícil pensar em algo mais doloroso física e mentalmente para um artista plástico do que ter seus dedos amarrados a garrotes e torcidos até que as juntas fossem esfaceladas. Parece que a tortura tinha três objetivos. Fazê-la se calar e retirar as acusações contra aquele influente homem das artes, amigo de tantos próceres da corte papal, incluindo Borghesi; imputar um sofrimento imenso a uma mulher que teria praticado um ato de desonra, e extirpar o viés artístico negado sistematicamente ao gênero feminino. Uma pintora, como podemos ver no texto, assemelhava-se a uma figura exótica, circense, digna de exibição como uma mulher barbada ou um animal estranho, raro. E ela confirmou tudo, todas as vezes, em alguns momentos aos berros, em outros quase desfalecida, ou ainda olhando firmemente nos olhos de Agostino. Suas mãos não foram completamente destruídas, as dores lancinantes a impediam de falar por momentos, mas logo após ela recobrava forças e reafirmava todas as acusações e fatos. Com o dobro do tamanho e banhados em sangue, seus dedos foram liberados do garrote. Agostino Tassi não se quedou inerte diante do andamento do processo, e tinha a seu favor a grande capacidade de articulação do pintor Florentino que tinha o apelido de pintor dos Médicis. Mas não era apenas isso: Como se sabe, Florença na época detinha especial protagonismo político no poder eclesiástico. Tassi tinha um número expressivo de admiradores em



locais chave que estavam dispostos a interceder por ele. O próprio Orazio conheceu bem esta rede quando lutou por sua absolvição na pendenga judicial anterior. Girolamo foi simplesmente esmagado pela estrutura social e o sistema judiciário. Depois, as inimizades de Gentileschi no meio artístico, como Cigoli, por exemplo, que se empenhou em defender Agostino, e um antecedente de difamação que ele teoricamente havia praticado contra o rival Baglione. Finalmente, o fato de Tassi estar preso representava o atraso no cronograma da encomenda do Cardeal Scipione Borghesi, influente e impaciente patrocinador das artes. Não foi sem estas duas características que a Vila Borghesi é hoje um dos mais importantes museus de arte renascentista e barroca de nossa civilização. Foi dentro desta perspectiva que Orazio movimentou-se e, a muito custo, conseguiu uma longa audiência com o Cardeal sobrinho do Papa, e habilmente conduziu a conversa para dois pontos vitais: Falar da desonra de sua família, praticada por Agostino, e ainda apresentar sua filha como pintora. O Cardeal recebeu os argumentos de Orazio com alguma atenção, e a arte da filha foi ao mesmo tempo reconhecida como de excelente qualidade, ao mesmo tempo em que suscitou dúvidas quanto à sua autenticidade, levando-a a desenhar algo para o grupo, que tinha entre seus integrantes o Bispo de Arezzo. Mas o fato de ela ser mulher e saber pintar foi motivo de maior interesse, pela curiosidade excêntrica, do que a sofisticada habilidade da jovem na produção da obra arte. Por fim, o líder eclesiástico limitou-se a pedir ao pai que encontrasse uma solução rápida e conciliatória para o caso. Como? Será que ele simplesmente não entendeu o conflito deflagrado e absolutamente irreversível em que o caso se encontrava? Quem sabe simplesmente se entediou com o “pequeno” problema e ordenou uma solução qualquer, desde que não atrasasse o serviço comissionado? Depois de muito insistir e lembrar que Tassi não poderia casar com sua filha, porque ele já havia contraído matrimônio e sua esposa



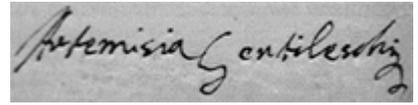
continuava viva, solução proposta com displicência por um membro do grupo, Orazio ouviu uma vaga promessa inconvicta de que Tassi seria forçado a oferecer um dote para Artemisia. A questão do dote se apresentava como uma solução de natureza indenizatória com fundamento de reparação moral indireta. Com um bom dote, Artemisia poderia viabilizar um casamento, eis que o dinheiro convenceria alguém, solvendo todos os problemas de restauração da honra e de livramento da jovem de todas as maldições que a levariam a uma vida de intensas privações em um convento. Uma das pessoas do grupo, o Cônego Lelio Guidiccioni, que depois assumiria as dioceses de Santa Maria Maggiore, em San Giovanni in Laterano, demonstrou maior interesse sobre a situação da pintora e, talvez, por isso mesmo, tenha sido designado a tentar uma solução para o problema que permitisse o imediato reinício da desejada *trompe l'oeil* que distinguia Tassi de outros pintores. Dias após o encontro que parecia totalmente infrutífero, veio a notícia por Stiattesi de que Guidiccioni oferecia um dote de nada menos que quatrocentos scudi extraídos de seu patrimônio pessoal à Artemisia. O notário estava exultante, e, num misto de triunfante excitação, contava detalhes de sua negociação, que teria chegado a esta vultosa soma que, segundo ele, garantiria um rápido casamento à Signorina Gentilheschi. Ele mesmo conhecia um jovem em Florença que vinha a ser seu irmão e um varão muito empertigado... Mas foi bruscamente interrompido por Orazio que afirmava que somente casaria sua filha após, e somente após, a condenação de Antonio Tassi. Não haveria acordo sem a condenação do detrator. Se ele conseguisse a punição do autor de tamanha vilania, poderiam tratar de imediato dos arranjos para o casamento da filha. Em agosto de 1612, veio a culminância de uma longa e intensa articulação de A.T. para conseguir influenciar decisões, organizar despachos e conciliar opiniões. Niccoló Bendino, com dezoito anos, se apresentou à corte e prestou depoimento afirmando que trabalhou



durante dois anos na casa dos Gentilheschi como aprendiz, servil e faz tudo. Que durante estes vinte e quatro meses, alimentou-se na própria mesa da família e dormiu em um dos quartos internos da casa. Com este argumento eivado de intimidade, ele declarou que entregou mais de uma centena de cartas a dezenas de homens em toda a Roma e que, frequentemente, esta correspondência resultava em encontros dos quais ele podia ouvir os detalhes pelos sons emitidos do quarto dela. Os endereços e nomes destes homens não puderam ser declarados por que eram para ele muito confusos. Em setembro, o jovem foi submetido a uma sessão de tortura em que seus braços foram amarrados por cima das costas de maneira invertida e muito apertada, e depois ele foi suspenso pelas mãos durante nada menos do que meia hora. Em outubro de 1612, a Corte, ignorando evidências lógicas e contundentes como o fato de Artemisia ler muito pouco e simplesmente ser incapaz de escrever (ela assinava seus quadros desenhando o formato das letras), aceitou o testemunho de Bendino como verdadeiro, declarou a pintora uma prostituta e, portanto, o fato de ela ter sido estuprada, ou não, por Agostino Tassi, ou por quem quer que fosse, não fazia a menor diferença, devendo ele e sua testemunha serem imediatamente liberados da prisão, e o caso, prontamente encerrado.

Ocorre que o passado de Agostino resolveu bater em sua porta, enquanto ele ainda planejava os festejos da vitória e as táticas de vingança. Olímpia, sua irmã, que foi presa por tentativa de assassinato, após o ter acusado de incesto, decidiu por prestar depoimento, afirmando que conhecia bem este rapaz Niccoló Bendino, porque, em 1610, este era um servo muito leal de seu irmão, e que inclusive ela se recordava muito bem que estas roupas muito elegantes que ele estava vestindo hoje tinham sido presente de Agostino.

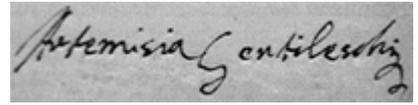
Os dois foram unha e carne durante dois anos, ele, servo muito fiel,



chegou a dormir na cozinha quando Tassi havia se mudado para um apartamento menor do outro lado da rua. Ocorre que o garoto foi submetido à nova sessão de tortura e confirmou seu testemunho, o que causou muito reboiço na Corte, grande confusão e dissenso entre os juízes. Em novembro de 1612, o chefe de polícia, que presidia os julgamentos dos atos de natureza penal, teve de decidir, conciliando os interesses do Cardeal Borghese, com os da Corte da Toscana e os da Cidade Eterna com os Céus sobre ela. Ele articulou a seguinte sentença prolatada pelo ilustre magistrado Hieronymous Felicius, curiosamente, com o texto inicial "em favor de" em latim: pro Agostino Tassi.

Cinco anos nas Galés ou Banimento de Roma.

Além de posta uma óbvia escolha, e do caráter moderadíssimo da sentença, ela era, simplesmente, inaplicável. A.T. se banido fosse de Roma teria alguma perda de natureza profissional, mas seu afastamento da cidade sequer ocorreria na prática, uma vez que a oligarquia papal da Toscana ofereceria, facilmente, abrigo inviolável por questões diplomáticas! Como se não fosse suficiente, em 27 de novembro, os magistrados reconsideraram a decisão limitando o exílio da cidade a cinco anos, e não por prazo indeterminado como antes prescrito. Com esta decisão, no entanto, ele era agora expressamente proibido de trabalhar em qualquer lugar de Roma comissionado por quem quer que fosse e, ainda, o mais importante: Artemísia era considerada inocente, e a honra e orgulho da família Gentileschi completamente restabelecidos. A dignidade da jovem pintora fora então resgatada, e isso poderia significar um triunfo para a família como um todo.



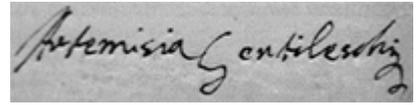
Agostino, ao ouvir a derradeira sentença, desferiu a praga contra o inimigo:

Gentilheschi pode fazer o seu mal, mas o tempo virá e ele viverá o momento profundo de ver sua filha olhando para ele com olhos de desgastante piedade. Será o desejo de Deus pelas incessantes imoralidades que ele sempre infringiu contra sua filha.

A jovem pintora acaba por se casar com Pierantonio Stiatessi, pintor sem muito talento, filho de um alfaiate e nada menos que o irmão de seu, digamos, advogado, que tão prestimosamente negociou o valor do dote. Na cerimônia, ela não pode usar a guirlanda de flores em sua cabeça como era a tradição Romana. Nenhuma mulher foi autorizada a presenciar o evento. As portas da Capela do Santo Spirito permaneceram fechadas, e tudo aconteceu à noite, em segredo. O noivo tinha 28 anos, dez a mais do que ela, parecia um bom homem, e era bonito. Ela e o pai viveram separados por mais vinte e cinco anos. Com o marido trabalhou na Academia de Design. Artemísia tornou-se membro oficial da Academia em 1616, uma honraria que mereceu, pelo seu talento e capacidade, após tantas vezes lhe ter sido denegada. O Gran Duque Cosimo II a comissionou em diversas obras. Eles tiveram duas meninas e pelo que se sabe, as duas se tornaram pintoras, mas não há registro de suas obras nos dias de hoje. Ela trabalhou, mais tarde, para a Casa Buonarrotti, contratada pelo sobrinho de Michelangelo. Fez trabalhos na Inglaterra e depois em Nápoles.

A saga de Artemísia parece ter ocorrido em um país distante de um tempo longínquo. A Itália com suas cidades-estado, seus mecenas, o

mestre Caravaggio, o poder da Igreja Católica, os valores de um Iluminismo em suas raízes mais profundas. A história parece expor uma imagem caricatural a nossos olhares de hoje, em um mundo que somos levianamente tentados a julgar livre destas contrafações e iniquidades. A caricatura dá a dimensão de hipérbole a situações que estão, no entanto, bem postas diante de nós. Cada pequeno mosaico desta trama sobrevive - eventualmente com alguma mitigação - de maneira muito viva nos dias atuais. A alguma distância, podemos verificar inúmeros casos de casamentos arranjados pelos pais e não apenas em países árabes ou na Índia. Do outro lado da rua, percebemos mulheres em prisão domiciliar, vivendo como escravas de uma vida doméstica que demanda vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana sem reconhecimento de nenhuma espécie. Falsas amigas que se mostram como única alternativa de escape para uma perspectiva de vida mais livre ou menos opressora e transformam esta situação em oportunidade para o exercício de poder ou fruição de vantagem. A necessidade tão costumeira de se manter um olho bem aberto sobre as meninas, revezando-se pais, irmãos, namorados, maridos, familiares e amigos dos pais e outros e outros. Pais que exercem o poder ilimitado sobre a vida das meninas, tomando para si todas as decisões, escolhas e arbítrio. Também bem próximo, no noticiário cada vez mais banalizado, assistimos sistemas judiciários que obedecem a valores universais, preconcebidos, indiferentes à diferença, prontos a dobrarem-se aos interesses e a mediocrizar os exotismos assustadores e incompreensíveis. A tortura como forma de obtenção da verdade ainda é praticada nas delegacias de polícia e outras sucursais do inferno, mimetizadas nos sistemas carcerários, ao limite que nos permitimos tomar ciência. Valores religiosos centrados no corpo e na atitude sexual da mulher com a valoração da virgindade, e em execração daquela que dispõe com liberdade de seu próprio corpo. A institucionalização do corpo feminino como propriedade, em



benefício de um tal bem comum. A condenação, pelos fiscais dos bons valores, detentores dos verdadeiros e autênticos bons costumes a sustentar uma sociedade apolínea em hipócrita correção e virtude. Fetiches recalçados que se extravasam em violência e condenação. Vocações, capacidades e potenciais se tornam apenas latentes, simplesmente exorcizados, proibidos pela desconformidade com o lugar que se espera do gênero feminino.

A arte desta monumental pintora pode ter servido como um meio paradoxal de escravidão e liberdade. O servilismo é imposto pela busca incessante de dar vazão a uma vocação mediúnica na produção das sensações estéticas e da verdade que se confere à obra de arte. Liberdade em um mesmo movimento, pela possibilidade de exprimir potencialidades, fazer da imagem uma representação que fala ao expectador de forma individual e a todos nós coletivamente em um tempo que se coloca em suspensão. A pintura em que ela retrata a heroína bíblica Judith degolando o grande General Holofernes, após seduzi-lo e tirar suas forças com grande coragem e astúcia, é irresistivelmente associada à historicidade dela mesma em sua luta infinita por ser aquilo que queria ser, pelo desejo de ter as rédeas de seu próprio destino, derrubando uma organização estrutural de uma sociedade violenta e excludente, impostora de uma falsa altivez. Resgatar e difundir a história de Artemísia Gentileschi é convidar a refletir sobre os fragmentos de sua vida que acabam por romper os limites de tempo e espaço e nos confrontar, a cada dia, com pequenas e grandes atitudes, fatos da vida, costumes arraigados, leis anacrônicas, notícias que recebemos apáticos ou, ainda, com nossas incontáveis omissões frente a um gravíssimo sintoma social tão desesperadoramente vivo, atual e muito inquietante.